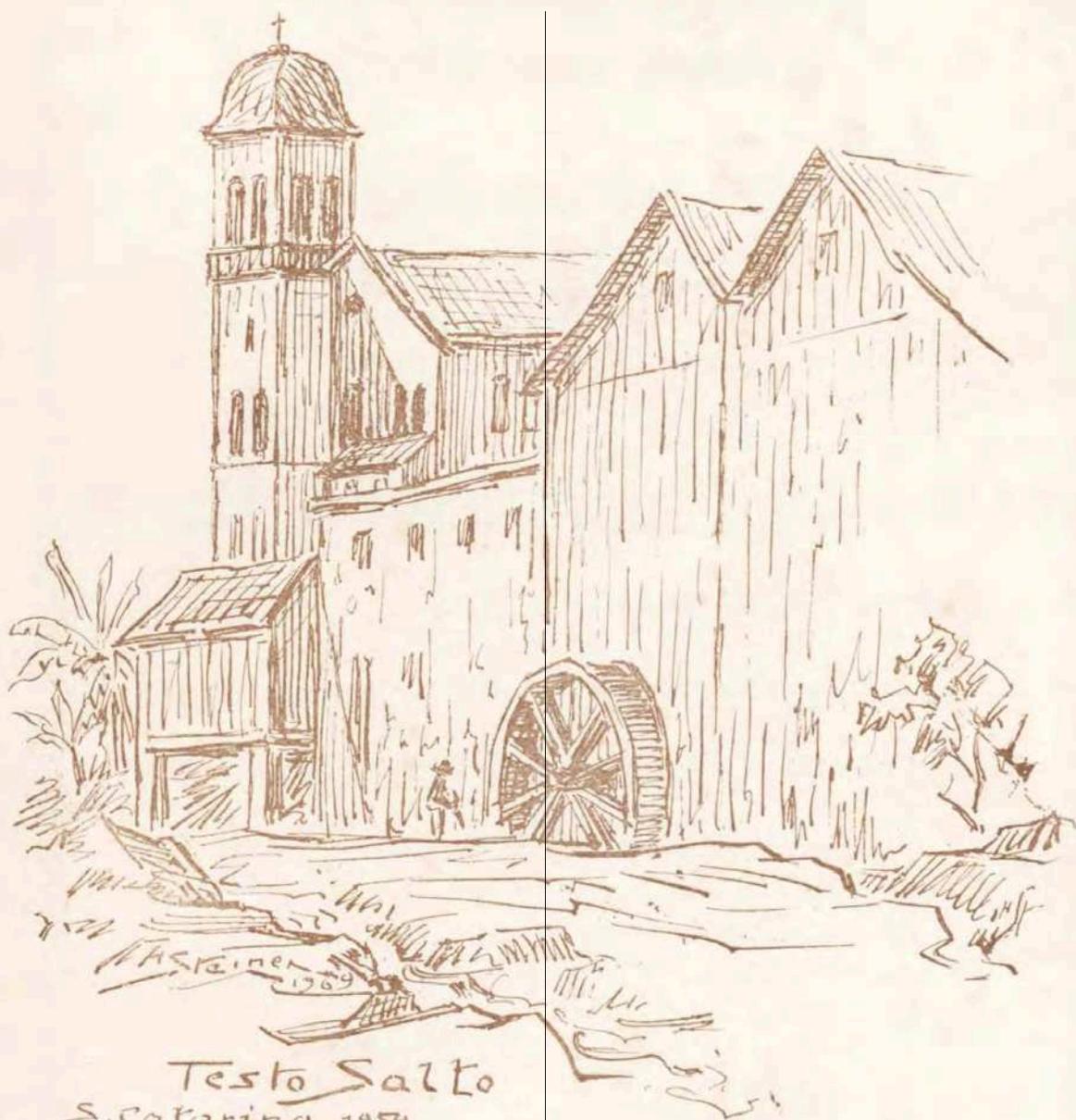


Blumenau em Ladernos



TOMO XI - ★ ABRIL DE 1970 ★ - Nº. 4

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS
SEGUINTE COOPERADORES:**

Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos

Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.

Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.

Artex S/A

Dr. Henrique Hacker — Blumenau.

José Sanches Júnior — S. Paulo.

Prefeitura Municipal de Blumenau.

Companhia de Cigarros Souza Cruz.

Empresa Industrial Garcia S/A.

Arthur Fouquet — Blumenau.

Tecelagem Kühnrich S/A.

Eletro Aço Altona S/A.

Blumenau

em Ladernos

T O M O XI — ★ ABRIL DE 1970 ★ — Nº. 4

A S C U R R A

A colonização italiana no Vale do Itajaí é um dos episódios da civilização catarinense ainda pouco estudados.

Aliás, isso é facilmente compreensível e, até certo ponto justificável.

Durante vinte e cinco anos seguidos, as levas de emigrantes destinadas às colônias catarinenses, provinham, quase que exclusivamente, dos países do norte europeu, da Alemanha de um modo especial.

Foi em decorrência da execução do contrato celebrado entre o governo imperial e Joaquim Caetano Pinto Júnior, em 1874, que vieram para Blumenau os primeiros emigrantes aliciados pelos agentes daquele contratante na Itália e no Tirol Austríaco.

Entre 1875 e 1879 haviam chegado a Blumenau e aqui se fixando nada menos de 1383 colonos tirolêses e 945 italianos.

Em sua grande maioria eram elementos quase que analfabetos, sem profissão definida, o que justifica, em parte expressiva, a completa ignorância em que permaneceu, e permanece ainda, a história dos primeiros anos do estabelecimento dêsses alienígenas nas linhas coloniais que lhes foram destinadas.

Por aquêle tempo, e aguardando, justamente, a intensificação da imigração em decorrência daquele contrato, a direção da Colônia Blumenau acelerara a demarcação e divisão de lotes de terras nos vales dos rios Benedito e Cedros e dos seus afluentes, dos Ribeirões Diamante, São Paulo, São Pedrinho, Guaricanas, Neisse e outros, tributários do Itajaí Açu.

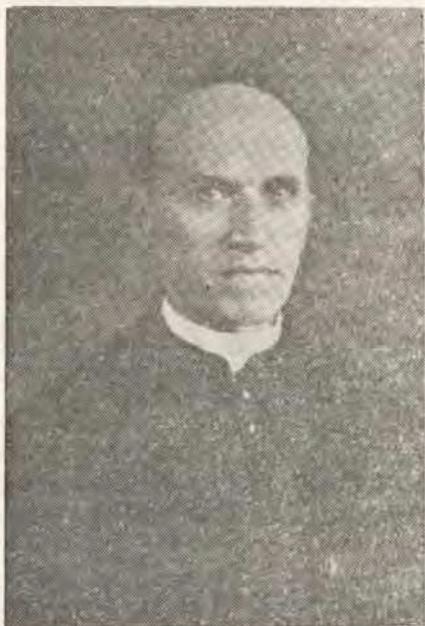
Foram demarcadas quatro povoações: uma na confluência do Ribeirão Neisse e a última serra acima, nas proximidades do Salto do Pilão, no grande Itajaí.

A essas povoações foram dados nomes relacionados com as vitórias das forças brasileiras na guerra contra o ditador paraguaio, Solano Lopes, guer-

ra que, havia poucos anos terminara e cujos principais feitos estavam ainda bem vivos na lembrança de todos.

À povoação demarcada na confluência dos Rios Benedito e Cedros foi dado o nome de Timbó, depois alterado para Benedito-Timbó a fim de evitar confusões com outra localidade catarinense daquela designação. A do Ribeirão São Paulo foi denominada Ascurra e as duas outras chamaram-se Aquidaban (hoje Apiuna) e Riachuelo.

Os primeiros colonos chegados em 1875/76 foram localizados nos terrenos banhados pelo rio dos Cedros, a começar da barra do Ribeirão Fortunata para o norte e ao longo do chamado "Caminho do Rodeio" que, partindo da povoação de Timbó, seguia pela margem direita do Ribeirão Rodeio até a foz do Ribeirão Belo, daí desviando-se para a confluência do Diamantino no São Pedrinho, seguindo o curso dêste até sua foz no Itajaí Açu e ainda pelas margens dos Ribeirões São Paulo, Guaricanas, Neisse e Subida.



Padre Ângelo Alberti, que muito fez pelo progresso de Ascurra.

Os lotes marginais do Ribeirão São Paulo, em cuja foz demarcou-se a povoação de Ascurra, foram distribuídos a famílias italianas, em começos de 1876. As principais dessas famílias eram as de Giovanni Buzzi, Jacob Dalfovo, Giacomo Testoni, Giacomo Possamai, Viúva Tonolli, Giuseppe e Davide Raffaele, José Bazzanela, Elias Barbeta, Emilio Buzzi, Nicolau Taes, Viúva Maiochi, Viúva Zendroni, José Merini, Hermenegildo Poffo e muitos outros.

A entrega oficial dos primeiros lotes dessa linha colonial foi feita em 15 de novembro de 1876, mas é certo que, bem antes dessa entrega, os respectivos colonos já haviam tomado posse dos lotes que lhes haviam sido destinados pela direção da Colônia.

Entretanto, parece-nos que essa data, 15 de novembro de 1876, deveria ser fixada como a do início da colonização e a da fundação da Povoação de Ascurra, pois, qualquer outra que se quizesse determinar não en-

contraria base em documentos oficiais conhecidos.

E, incontestavelmente, dentre os colonos ali estabelecidos, um deles, Giovanni Buzzi pode, com justiça, ser apontado como o pioneiro, já por ter sido o primeiro a se fixar às margens do Ribeirão São Paulo, já pela extraordinária atividade desenvolvida no sentido da organização social, política e econômica da nova comunidade.

Buzzi nasceu na Itália em 1837. Veio com 38 anos para Blumenau. Faleceu em Ascurra, em sua propriedade no Ribeirão São Paulo a 8 de janeiro de 1905. Contava, então, 68 anos de idade, deixando a viúva, Pacienza e dez filhos: Ferdinando, Battista, Emilio, Tranquilo, Adélia, Giuseppina, Severina, Último, Alberto e Helena.

Pela extraordinária atividade desenvolvida, pelo acêrto de suas iniciativas, pelos serviços prestados à comunidade e aos colonos, seus companheiros, Buzzi conquistou grande nomeada e prestígio também junto às autoridades da Colônia, primeiramente, e depois do Município de Blumenau. Era, na região do Ribeirão São Paulo, o homem de confiança da direção e do governo.

Católico extremamente aferrado às suas crenças, Buzzi tratou logo da ereção de uma capela nas imediações do seu lote colonial a que se deu por patrono a Sagrada Família.

Era em casa de Giovanni Duzzi que se hospedavam os padres Cybeo e José Maria Jacobs, o primeiro vigário de Nova Trento e o segundo de Blumenau, nas suas viagens apostólicas ao Itajaí.

Em 1891, por ocasião dos amargurados dias por que passou o vigário blumenauense, processado e condenado pela justiça, foi na residência de Buzzi que o padre José Maria Jacobs encontrou acolhida e proteção não só do dono da casa, como de seus filhos, parentes e demais colonos vizinhos, dispostos a defender o sacerdote até mesmo de armas na mão.

Com a criação da povoação de Ascurra, que seria a sede da colonização do Ribeirão São Paulo e outros próximos, outras muitas famílias italianas se estabeleceram nessa localidade, formando o núcleo inicial da atual cidade. Dentre elas pode-se destacar as de Marco Salton, Jacinto Scottini, Luiz Tonolli, Matias Possamai, Ezequiel Felippi, José Bazzanela, Felice Fachini, Josué Bona, Giacomo Fávero, Paulo Zonta, Luiz Isolani, Francisco Testoni, Antônio Chiarelli, João Ferrari, Pedro Moreto, José Finardi e muitos outros.

A povoação compreendia 107 lotes urbanos, dos quais o de n.º 12 fôra destinado para a escola, os 16 e 17 para praça pública e cemitério, os de nrs. 48 e 48A para igreja e outro cemitério.

A vida religiosa de Ascurra, nos primeiros tempos, foi das mais agitadas e difíceis.

Em 1895, os padres franciscanos estabeleceram residência próxima à capela da Madona Addolorata, no Caminho do Rodeio em terras que lhes foram doadas por Valentino Fruet. Ali êles fundaram um curato, pouco depois elevado à paróquia, distante cêrca de quatro quilômetros da povoação de Ascurra.

A linha Colonial de Rodeio, não tinha, pròpriamente, uma povoação delimitada, com lotes urbanos devidamente medidos, como acontecia com a Linha São Paulo. A direção da Colônia, em Blumenau, entendia que a povoação de Ascurra poderia perfeitamente servir de sede às várias linhas coloniais próximas, inclusive de grande parte da de Rodeio. Os moradores das primeiras dezenas de lotes da Linha Rodeio poderiam, por sua vez, ser atendidos na povoação de Timbó. Desnecessária seria uma povoação intermediária.

Assim, os moradores de Ascurra sentiam-se preteridos nos seus direitos de ter a sede da paróquia em sua povoação e só de muito má vontade submetiam-se à direção espiritual dos vigários de Rodeio.

Acresce a circunstância, agravante da lamentável situação, que os católicos ascurrenses eram, na sua generalidade, italianos, ao passo que os de Rodeio, embora de língua italiana, provinham do Tirol, então sob a jurisdição da Áustria, inimiga tradicional do reino da Itália.

Em Rodeio, já em 4 de junho de 1899 os franciscanos inauguram um templo dedicado a São Francisco de Assis, naquela época uma das maiores igrejas do Estado.

Em Ascurra construiu-se uma capela dedicada a Santo Ambrósio.

As divergências entre as duas localidades enfeixam acontecimentos e circunstâncias que é melhor deixar por esquecidos, de vez que relembrá-los a ninguém aproveita e muito menos honra.

Entre surpresas e decepções, entre verdades e invenções ligadas ao assunto religioso, sempre presente e sempre prioritário, Ascurra ia assumindo importância pelo trabalho de seus filhos, laboriosos, dedicados, e ordeiros.

Com a criação da Diocese de Santa Catarina e Dom João Becker empunhando o báculo pastoral, Ascurra foi elevada à paróquia (24 de outubro de 1912), desmembrada da de Rodeio, sendo nomeado no mesmo ano o seu primeiro pároco, o padre João Canônico, italiano como pretendiam os fiéis.

Com isso, pensou a autoridade eclesiástica pôr fim à crise religiosa.

Padre João procurou, como pôde, exercer o seu ministério. Tentou a união da família da sua circunscrição, apaziguar rixas, apagar ressentimentos e suscetibilidades. Mas as divergências era profundas demais.

Para dar maior eficiência à sua ação, o padre fundou um jornalzinho intitulado "La Voce del Parroco in famiglia" para levar ensinamentos, conselhos e avisos paroquiais aos lares ascurrenses. O primeiro número foi manuscrito e mimeografado. Os demais impressos numa tipografia de Blumenau.

Padre João, porém, não soube ou não pôde conservar-se por muito tempo no posto. As desinteligências continuaram até que, com a vinda, em 1916 dos padres Salesianos estes, com persistência, espírito de caridade e prudência conseguiram, depois de alguns anos, normalizar a situação da paróquia.

E, ao mesmo tempo que cuidavam do lado espiritual dos seus paroquianos, iam organizando a vida social, política e administrativa da povoação e suas linha coloniais.

À interferência do Padre Ângelo Alberti, primeiro vigário salesiano se deve a criação da estação postal-telegráfica, da Coletoria Estadual, a ponte sobre o Guaricanas e muitas outras obras públicas de grande benefício para a comunidade, inclusive os preliminares para a construção da grande ponte sobre o Itajai Açu.

Afinal, a 16 de Abril de 1919, pela Resolução n.º 120 do Conselho Municipal de Blumenau, Rodeio e Ascurra foram elevados a Distritos de Paz, o 7.º e 8.º, respetivamente, com sedes nas povoações dos mesmos nomes.

Mas, tanto um como o outro distrito viviam com sérias dificuldades, dadas a pequena arrecadação e as minguidas possibilidades econômicas da população.

As autoridades municipais conceberam a reunião d'esses dois distritos em um único e, assim, a 5 de Outubro de 1929 a lei estadual 1650 suprimiu-os e, com o território de ambos, criou o distrito de arrozal, com sede na Vila de Rodeio.

Também essa providência durou pouco tempo.

As divergências entre os elementos mais destacados da vida social e econômica das duas parcelas administrativas impediam qualquer entendimento entre ambas. E, assim, em 1933, a 4 de agosto, pela lei estadual n.º 403, foi restaurado o distrito de Ascurra cuja sede, em 1938, foi elevada à categoria de Vila.

Nesse meio tempo, pela atuação extraordinária dos Padres Salesianos, a sede distrital tomava melhor aspecto urbano e era construído o grande Colégio São Paulo que teve, como continua tendo, marcante e eficiente interferência na vida ascurrense.

Esse Colégio, especialmente destinado à formação de rapazes que tenham propensão para a vida eclesiástica, formou já várias dezenas de sacerdotes (entre eles D João Costa, bispo de Pôrto Velho) e preparou para a vida civil centenas de moços que, espalhados pelo Estado e pelo Brasil, prestam pelos conhecimentos ali assimilados, pela esmerada educação moral e cívica que receberam, bons serviços às coletividades a que servem.

A final, superando dificuldades e percalços sem conta, Ascurra vê concretizado um dos seus mais ardentes desejos. É elevada, pela lei 818, de 1.º de abril de 1963, à categoria de Município, independente do de Indaial a que, desde 1934 estava ligado como um dos seus distritos.

Foi instalado o município no dia 7 do mesmo mês e ano.

Independente agora, com um território dos mais férteis, com uma população trabalhadora, ativa e amante da ordem, Ascurra está preparada para ser dos mais prósperos e ricos dos 42 municípios que integram a zona geoeconômica da Bacia do Itajaí.

Eis, a grosso modo, os lineamentos históricos do Município de Ascurra. Em tôrno d'êles, há, certamente, muita coisa a ser acrescentada, relatada, muitos comentários e observações a serem feitos, muitas pesquisas a serem ultimadas.

Deixamos, porém, esses que aí ficam, como pontos de partida para outros estudiosos escreverem a história da fundação e desenvolvimento d'esse município, que bem merece um estudo mais carinhoso e mais profundo.

Há, entre os formados pelo Colégio São Paulo, muitos elementos capazes de empreenderem essa tarefa. O Padre Victor Vicenzi, vigário de Rio dos Cedros, é um d'êles. E S. Revma. poderia até não se limitar à história de Ascurra, mas tratar da colonização italiana em tôdo o Vale do Itajaí.

É um trabalho que ainda está por ser feito e do qual o Padre Victor se desencumbiria magistralmente.

GUSTAVO HACKLAENDER

Por Gustavo Konder

Caixa Postal, 1.180 - Blumenau

Quando a Colônia de Blumenau tinha apenas 20 anos de existência, nasceu, em 5 de fevereiro de 1870, um robusto menino, que tomou o nome de Gustavo, filho do casal de imigrantes alemães Guilherme e Amalie Hacklaender. O nome do menino - GUSTAVO HACKLAENDER - seria mais tarde marcado a fogo, na longa história da navegação fluvial blumenauense, que foi verdadeiro esteio no crescimento e prosperidade da Colônia, durante alguns decênios, enquanto não havia a estrada de escôamento para a zona portuária, Itajaí.

O pequeno Gustavo, estigmatizado pela adversidade, ficou órfão ainda em tenra idade (2 anos), pois os seus pais foram estúpida e massacrados pelos bugres e, para não morrer à míngua de alimento e de agasalho, foi entregue aos cuidados de algumas e piedosas famílias, que se revezavam em tratá-lo. Quando completou 12 anos, resolveram encarregá-lo de trabalhar como transportador de malotes de correspondência, montado numa pacífica mula, fazendo idas e voltas a Itajaí, porque os botocudos espalhados pelos matagais, na orla do rio Itajaí, não atacavam e nem assassinavam menores, talvez por crenças supersticiosas. Aos 15 anos (mais ou menos em 1891) foi engajado como embarcado no vapor "Progresso" e mais tarde transferido para outro vapor mais nôvo, o "Blumenau", inaugurado em 1895, já com o pôsto de contra-mestre, graças aos conhecimentos adquiridos nos primeiros anos a bordo do "Progresso".

Os vapores "Progresso" e "Blumenau" pertenciam à Cia. de Navegação Fluvial e em 1909 passaram a integrar-se na "Santa Catarina Eisenbahn Gesellschaft", proprietária da estrada de ferro de Blumenau a Harmonia (hoje Ibirama). Com a entrada do Brasil na primeira guerra mundial a estrada de ferro foi confiscada e incorporada ao patrimônio nacional em 1918, modificando o nome para Estrada de Ferro Santa Catarina.

Por ter nascido brasileiro, o comandante Hacklaender não sofreu perseguições, continuando a pertencer ao quadro funcional da aludida ferrovia. No tempo da governança do preteito Paulo Zimmermann (1915/1923) o sr. Hacklaender comemorou o seu jubileu de prata como comandante do "Blumenau", e foi condignamente homenageado pelas autoridades locais e pessoas de destaque, entre elas o meu saudoso tio Victor Konder. Houve grande foguetório, banda de música e discursos, terminando com uma churrascada. Recebeu dos manifestantes uma grande âncora de madeira, enfeitada de flôres.

No dia 19 de abril de 1920, por portaria do sr. Inspetor Federal das Estradas, foi nomeado para o cargo de Superintendente da Navegação da Seção Fluvial da ferrovia e ainda em 24 de julho do mesmo ano, pela portaria nr. 81, foi elogiado pelo esforço e inteligência empregados na construção de um salão de 1ª. classe no inesquecível "Blumenau".

Em 1º. de abril de 1928 foi, merecidamente, aposentado, assinalando assim os seus 37 longos anos de inestimáveis e úteis serviços prestados à nossa querida comuna. Por ocasião do 1º. centenário da fundação da



Com o seu indefectível cachimbo, Gustavo Hacklaender, comandante do vapor "Blumenau", foi figura das mais populares e respeitadas de Blumenau.

cidade de Blumenau, em 2 de setembro de 1950, o encanecido sr. Hacklaender teve a honra de comandar, no préstito histórico, o vapor "Blumenau" em miniatura. Foi muito ovacionado pelos milhares de assistentes, que, na maior parte, choravam de comoção. Eu também fiquei bastante emocionado, quando vi passar o velho comandante, acenando com o seu surrado boné.

Casou-se, em 6 de setembro de 1895, com Maria Maas, filha do casal de imigrantes alemães Frederico e Fredericke Maas, com quem teve quatro filhos: Rudolpho, Helena, Hellmuth e Else. No dia 10 de maio de 1950, o velho Hacklaender teve o grande desgosto de perder a sua fiel companheira de 55 anos. Dois anos depois, em 14 de novembro de 1952, entregou a sua alma ao Criador.

Deixo aqui dois versos do poeta Antero de Quental sempre recitados por minha saudosa e querida mãe:

Dorme o teu sono, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente!

Quero deixar aqui uma pequena história real, ocorrida a bordo do vapor "Blumenau":

Em 1913, eu, com 8 risinhos anos, e a minha saudosa mãe embarcamos em Itajaí no vaporzinho, afim de consultar um especialista em Blumenau, por causa do meu defeito (por infelicidade ou felicidade nasci surdo e mudo). Acomodamo-nos na confortável pôpa, onde havia uma grande mesa redonda. Sentado ao lado de mamãe, estava o velho e gordo João Kracick, de chapéu de côco, sempre risonho e com uma grossa corrente de ouro, pendente do colete. Era proprietário de uma afreguezada sapataria na rua Hercílio Luz, em Itajaí. Havia também outros passageiros, a maior parte imigrantes louros e espadaúdos, recém-chegados de um paquete alemão. Quando deixamos para trás a alta chaminé da fábrica de papel na Barra do Rio, minha mãe, sempre perseverante e paciente, tirou da sua grande bolsa, um belo livro, cheio de bonitas e coloridas figuras. Vendo-o, protestei, mas mamãe ponderou-me com aquêlê olhar cheio de candura: - Olha meu filho, vamos aprender somente por alguns minutos... Resignei-me logo e a mamãe, pousando o livro em cima da mesa, começou apontando com o dedo um desenho qualquer para eu silabar, embora com voz horrivelmente estropiada. Quando mostrou uma figura que representava uma porta, eu pronunciava "P-O-L-T-A"; um cachorro "A-S-O-L-O"; uma maçã "P-A-S-S-A" e assim por diante. Aparecendo uma figura que mostrava um sapato, gritei "S-A-P-A-T-O-O" e ao mesmo tempo olhei, de soslaio, para o velho Kracick, que tremelicava de tanto rir! Em pouco tempo todos os passageiros presentes estavam atentos, admirados com o grande "milagre", perpetrado por minha mãe. Justamente neste momento apareceu o comandante Gustavo Hacklaender, com o seu rosto sempre fechado e um comprido cachimbo no canto da bôca, para nos espiar e a mamãe, aproveitando a ocasião, perguntou-me, indicando-o e prontamente respondi em voz alta, - "O-P-A-N-T-A-N-T-E," (o comandante)!

Pela primeira vez vi o rosto severo do velho marujo expandir-se num bonito sorriso, juntando as suas grandes mãos, em sinal de aprovação. Em seguida sentou-se ao meu lado, afagando-me a cabeça, sorridente e com os olhos úmidos. Esta cena jamais saiu da minha memória!

REMINISCÊNCIAS

H. P. Zimmermann

As pequenas cidades do interior deste vasto Brasil, sempre oferecem muito assunto para crônicas pitorescas, referentes aos hábitos e costumes de suas populações ou referentes a acontecimentos vários, que mobilizaram mais ou menos intensamente os ânimos dessas populações. Se assim aconteceu decênios atrás, ainda hoje essas pequenas cidades oferecem muito material para crônicas, apenas que hoje nos parece muito mais pitoresco o que aconteceu no passado, porque, também no interior e nas pequenas localidades, os costumes mudaram muito e assumiram ares de vida moderna. Nossa mentalidade hoje dificilmente pode conceber, que há 30, 40 ou 50 anos atrás, podiam acontecer coisas que hoje nos parecem impossíveis de acontecer. Por exemplo: Quem acredita, que uma pessoa que prejudicou o bom nome ou a honra de outra, venha a publicar um anúncio em um jornal local, no qual declara que agiu de má fé, que mentiu e que tudo o que disse contra Fulano ou Fulana de tal, foi pura e simples invenção maldosa, que foi mentira e calúnia sua e que muito se arrepende ter dito tais coisas? Ou ainda, um cidadão declara por meio de um anúncio num jornal, que desfez seu noivado com a senhorita Fulana, porque esta já não mais lhe merecia confiança, ou porque duvidava de sua honrabilidade. Dias depois êste mesmo cidadão declara pelo mesmo jornal, que a tal Fulana é pessoa honrada e de reputação ilibada, que foi ela e não êle, que desfez o noivado.

Estas coisas aconteceram com muita frequência. Quem quizer certificar-se disto, leia as páginas de anúncios inseridas em jornais daquelas épocas passadas, que se publicavam em pequenas cidades do interior. Era eu ainda muito jovem, por demais jovem para compreender o sentido dêstes anúncios, por isto não lhes attribuia muita importância quando eram comentados em rodas de famílias.

Certo dia, também Gaspar teve o seu caso de grave difamação. Ouí comentários a respeito, de pessoas que dêle tiveram conhecimento mais de perto. Na época, deve ele ter agitado bastante a opinião pública, muito mais do que as costumeiras pequenas intrigas e mexericos ou "mal-dizências", que normalmente eram resolvidas através de um entendimento pessoal, por meio de alguns bofetões e socos sem maiores consequências. Por ocasião de uma das grandes Festas de São Pedro, apareceu e resolveu ficar em Gaspar, um estranho cidadão vindo não se sabe de onde. Vestia roupagens diferentes do que as usadas pelos gasparenses, era homem bem-falante que usava termos difíceis e que respondia com ares de sabidão, quando algum gasparense lhe dirigia a palavra naquele simples linguajar que lá então se usava. Enfim: era um homem daqueles, que os meus contemporâneos em Gaspar costumavam qualificar "um sujeito cheio de pitáfos". Se o seu modo de se expressar e de trajar já não agradava aos gasparenses, muito menos lhes agradavam os seus ares donjuanescos. Costu-

mava dirigir galanteios baratos às moças com que se encontrava, oferecia-lhes a sua companhia ou as convidava para um passeio, coisas que, naqueles tempos em Gaspar constituíam verdadeiros atentados aos bons costumes, quando praticadas por pessoa não vinculada na sociedade local. Por esta razão, o homenzinho logo passou a ser marcado pelos irmãos e, especialmente, pelos namorados das moças.

Certo dia aconteceu o inevitável: Uma moça resoluta quando abordada com galanteios, pelo "homem cheio de pitáfos", vibrou-lhe uma valente bofetada, tão grande e pesada, que o derrubou numa poça de lama da rua. Algumas pessoas que presenciaram a cena, correram ao encontro da moça e certamente teriam desferido mais bofetões no galanteador, se êste não tivesse se evadido em tempo.

A coisa poderia ter ficado nisto, não tivesse ocorrido ao "homem cheio de pitáfos", querer vingar-se da moça que lhe deu o tapa. Planejou e executou uma vingança infame e asquerosa, própria dos indivíduos covardes e despidos de dignidade. Surgiram na cidade uns pasquins escritos a lápis, em que se ultrajava a dignidade da moça. Não foi difícil descobrir o autor dos mesmos e os irmãos da menina ofendida aplicaram valente surra ao difamador. Mas, não se deram satisfeitos com isto. Em comum acôrdo com o Sr. Delegado de polícia e o Sr. Juiz de Paz, obrigaram o homem difamador a percorrer tôda a cidadezinha, casa por casa, e dizer aos moradores, que tôra êle que redigiu os pasquins e que tudo que nêles afirmara, era mentira, que com isto queria

vingar-se da moça que o repelira. Para que êle cumprisse corretamente a pena imposta, em todo o seu trajeto pela cidade foi acompanhado pelo Oficial de Justiça, que cuidava para que não fôsse omitida alguma casa. Depois, o "homem cheio de pitáfos" desapareceu de Gaspar e nunca mais lá apareceu.

Pena singular, porém, justa, a que as sábias autoridades daqueles bons tempos aplicaram ao difamador e importuno ádvena. Em Gaspar, naquela época, não se editavam jornais e os das cidades visinhas eram lidos apenas por alguns poucos assinantes. Se nalgum dêles o difamador tivesse de publicar um anúncio mais ou menos assim: Declaro a bem da verdade que, por querer vingar-me da srta. Fulana de tal, à qual dirigi uns galanteios inconvenientes, dela disse umas coisas feias em pasquins que distribuí pela cidade, que tudo que o disse é pura e simplesmente mentira e invenção minha, porque ela é pessoa honrada. Por isto, retiro tudo o que dela afirmei" - este anúncio teria sido lido por poucas pessoas e nunca teria produzido o efeito desejado pelas pessoas ofendidas, porque a maioria dos habitantes da cidade não teria tomado conhecimento dêle.

Assim, por meio de uma pena sãbiamente aplicada pelas ilustres autoridades da época, ficou sanada uma questão de honra. Esta, não foi tão grave quanto se pode supor, porque todos os personagens nela envolvidos, eram bastante conhecidas de todos, umas pelo seu procedimento correto, o outro, como pulha vadio, um quase marginal que, por certo, havia planejado levar uma vida fácil numa

ocalidade em que a hospitalidade e a boa fé de seus habitantes, costumavam receber a todos os

estranhos de braços abertos, conquanto não fôssem "sujeitos cheios de pitáfos".

MAIS ACHEGAS PARA O NOSSO FOLCLORE

Helmuth POEGER

Damos a seguir mais algumas "rezas" e práticas supersticiosas, comuns entre os colonos do Vale do Itajaí e mesmo entre camadas mais cultas da população dessa região:

Para a cura da azia — Tome um ovo fresco, parta-o e, depois de livrá-lo da clara e da gema, mastigue bem as cascas até transformá-las numa massa bem fina, bem triturada, e engoli-las. Nunca mais se sofrerá de azia.

Para curar as câimbras — Tome um pedaço de fumo em corda, de uns 10 centímetros de comprimento e passe-o, lentamente, de cima para baixo, algumas vêzes, no local em que sentir-se as câimbras. Se se fizer isso por seis dias consecutivos, nunca mais se sofrerá de câimbras.

Para curar as verrugas — Uns quatro dias antes da lua cheia, saia de casa sem que alguém perceba e, olhando firmemente para a lua, segure a verruga entre os dedos polegar e indicador e diga:

"Das was ich sehe
Das vergrößere sich
Das was ich greife
Das verzehre sich
In Namen des Vaters, des Sohnes
und des Heiligen Geistes".

"O que eu estou olhando,
aumente.
O que estou pegando,
desapareça.
Em nome do Pai, do Filho e
do Espírito Santo".

Tem-se que fazer isso durante três noites consecutivas. As verrugas desaparecerão.

Quando a vaca não pode ruminar — Se algum colono tiver uma vaca que não consegue ruminar, vá a algum benzedor que conheça êste método e chegando à sua casa, sem cumprimentá-lo antes, nem dizer outra qualquer palavra, diga: "A minha vaca "Flôr" (ou que nome tenha) não pode ruminar". O interlocutor responderá (também sem antes fazer qualquer cumprimento, ou dizer palavra): "Ela voltará a ruminar, em nome de Deus". Faça isso por três vêzes consecutivas. Vire as costas ao interlocutor e volte para casa, sem se despedir. Em chegando à casa, a vaca estará ruminando normalmente.

Em alemão: "Meine Kuh mit Name Blume
Kann nicht wiederkauen!
Die wird wiederkauen, in Gottesnamen".

Uma prática comum entre os colonos, quando desejavam melhorar ou curar-se de algum mal, era repetir, umas dez ou 20 vezes seguidas, pela manhã e à noite estas palavras:

"Mit Gotteshilfe geht es mir
Von Tag zu Tag, in jeder insicht, besser!"

"Com a ajuda de Deus, vou de dia para dia
ficando melhor em todos os sentidos".

«DO MEU CADERNO DE RECORDAÇÕES»

Ayres GEVAERD

Brusque em 1910

Receita e despesa do município prevista para o ano, 17:760\$000, respectivamente.

Fevereiro

O jornal "Novidades" publica "A uva - contribuição para o cultivo da videira em Santa Catarina" de Georg Boettger.

— x —

Reuniu-se o Conselho Municipal e a Comissão especial dos festejos do 50º. aniversário da fundação de Brusque. Na ocasião foi resolvido instalar na pequena Praça, fronteira ao palacete Renaux, um monumento comemorativo orçado em 2:000\$000 a ser encomendado na Áustria. Seria adaptado ao mesmo uma rede de água vinda de um reservatório a ser construído em terras do sr. L. Spengler. O sr. Max J. Schumann foi encarregado do serviço de canalização e adaptação.

— x —

Do jornal "Novidades": "Origem da designação de Ribeirão do Ouro ao afluyente do rio Itajaí mirim": Há uns 70 anos atrás, pelos começos de 1840 quando toda a região que constitui hoje o município de Brusque era um sertão bravo, habitado por bugres, apareceram aí três irmãos vindos dos Estados Unidos da América. Chamavam-se eles Roberto, Augusto e Leweson Leslie e andavam a procura de minas. Depois de terem cruzado todo o nosso

— 72 —

sertão, permaneceram durante alguns meses às margens de um córrego, afluente do pequeno Itajaí, e onde, segundo diziam, haviam encontrado ouro, tendo extraído e levado consigo uma boa quantidade desse metal. A notícia do fato espalhou-se e, quando, anos depois, moradores foram se estabelecer perto do ribeirão, junto ao qual os três irmãos americanos haviam mineirado, batizaram o riacho em virtude daquela tradição, com o nome de Ribeirão do Ouro. Dos três mineiros, dois voltaram logo depois para os Estados Unidos e o terceiro que entre nós ficou, outro não era que o velho Lessa, conforme todos aqui tratavam o sr. Leweson Leslie, o abastado agricultor, falecido no ano passado (1909) em avançada idade, no lugar Ilhota, neste município". Deste modo se fica sabendo porque tomou o nome de Ribeirão do Ouro o pequeno curso de águas que conflui no Itajaí mirim, próximo às nascentes deste, e como dos Estados Unidos veio para esta terra, nos tempos em que toda esta região apenas começava a ser conquistada para a civilização e aqui viveu durante mais de meio século, o sinótico e saudoso velho Lessa.

— x —

Contrato do Govêrno da União com a Estrada de Ferro Santa Catarina. Cláusula IV - Quando o Govêrno Federal o exigir, a Companhia construirá em prazo razoável, um ramal que servirá à zona colonial do vale do rio Itajaí Mirim até suas cabeceiras. Parágrafo único: Se a Companhia declarar-se impossibilitada de construir este ramal, nos termos desta cláusula, ficará livre a União promover sua construção pela firma que parecer mais conveniente.

— x —

Anúncio no "Novidades" de 18.2: "HOTEL KRIEGER - Brusque, Santa Catarina - antigo Hotel "Zum Deutchen Kaiser". Comunica a seus bons freguezes que desta data em diante continua a funcionar". Guilherme Luiz Krieger.

Março

Resultado do pleito presidencial em Brusque: Hermes da Fonseca, 240 votos e Ruy Barbosa, 24 votos.

Fundada pequena Orquestra de Câmara sob a direção de Primo Diegoli. Além do diretor fazia n parte: Wilibaldo Stracke, Júlio Laux, Gustavo Krieger, Luiz Luebke e Guilherme Diegoli.

— x —

Fundada, sob a orientação do snr. Antônio Schwartz, a Banda Musical "Concórdia".

— x —

Sob orientação dos Rvdos. Padres Moeller e Baumhof, é fundado o "Côro Católico".

— 73 —

Segundo a professôra dona Georgina de C. R. da Luz, 1910 foi um ano destacado na instalação de escolas oficiais na vila de Brusque. Entre as professôras públicas e particulares, merecem destaque: Edwirges Torres de Oliveira, Maria Luiza Mueller, Alzira Mueller, Lúcia Fernandes e Joana Torres.

Julho

Toma posse do cargo de Juiz de Direito da Comarca, o dr. Bento Machado Portella.

Agôsto

As festas comemorativas do 50º. aniversário da fundação de Brusque obedeceram ao seguinte programa :

dia 3 - Retrêta pela Banda Musical "Concórdia".

dia 4 - As 10 horas - Missa solene

11 horas - Sessão solene do Conselho Municipal.

12 horas - Concentração de Associações e alunos das escolas no Paço Municipal.

12,30 horas - Marcha para a Casa dos Atiradores.

19 horas - Marcha "Aux flambeaux". Em seguida representação teatral e Concêrto na sede dos Atiradores.

dia 5 - ao meio dia - Torneio de tiro ao alvo com prêmios.

à noite - Concêrto pela Banda Concórdia - Baile popular.

— x —

O "Novidades" de Itajaí publica com detalhes as festas comemorativas do 50º. aniversário da fundação de Brusque.

Brusque ao completar 50 anos tinha aproximadamente 18.000 habitantes.

— x —

O "Novidades" publica os estatutos da Comunidade Evangélica aprovados em Assembléia Geral de 10-11-1907. Carlos Luiz Gevaerd, oficial interino do Registro civil etc., Pastor W. Lange e membros da diretoria assinam.

Outubro

"O Ouro no vale do Itajaí" - importante relato sôbre a existência de ouro no Vale do Itajaí, cuja exploração remonta ao ano de 1651. Trans-

— 74 —

creve o jornal uma carta sôbre o assunto, de Antônio C. Pinto, de 21 de março de 1873. Jornal "Novidades" - Itajaí.

— x —

Por iniciativa do sr. dr. Bento Portella foi fundada uma associação caritativa destinada a "assistir desde o berço, crianças reconhecidamente pobres moral, cívica, intelectual e profissionalmente. Deverá também celebrar anualmente o Natal dos órfãos e crianças inválidas. Primeira diretoria: presidente honorário: Dr. Bento Portella; presidente: Cel. Guilherme Krieger; vice-presidente: João Bauer; secretário: Carlos Luiz Gevaerd; tesoureiro: Jorge Boettger; procurador: Germano Schaefer. Conselho. composto por 30 pessoas.

Novembro

As duas facções políticas locais concordaram na seguinte chapa para as próximas eleições: Superintendente, Cel. Guilherme Krieger. Conselheiros: Luiz de Marchi, Guilherme Krieger Jr., Rodolpho Tietzmann, Vicente Schaefer. Juizes de Paz: Amadio Beduschi, Matias Moritz Senior, Oscar Krieger e Primo Diegoli.

— x —

Agradável surpresa teve o sr. José Pinotti, lavrador em Águas Claras, antiga Colônia Príncipe Dom Pedro, o qual, ao arar terra, uma peça do arado desenterrou várias moedas de ouro, dólares americanos. Um velho colono considerou a possibilidade de terem pertencido a colonos irlandeses ou norte americanos da malograda Colônia. Um cidadão, malicioso, disse que era a melhor forma do proprietário vender a terra.

Dezembro

Em benefício da associação de caridade "Assistência", recém fundada, realiza-se um Concerto musical e vocal, regido pelo sr. Raymundo Bridon, com o concurso da Banda Concórdia, dirigida pelo maestro Humberto Matioli. "Novidades" n.º. 343 registra com detalhes êsse festival beneficente.

— x —

Encontra-se em Brusque, contratado pelo sr. Carlos Renaux, o engenheiro Ritzhaupt para proceder o exame das minas de calcáreo do Ribeirão do Ouro. As jazidas, segundo declaração do referido técnico, são inegotáveis e riquíssimas. Entretanto, há escassez de barro especial para fabrico de cimento, declaração mais tarde contestada pelo sr. Otto Renaux, em carta ao jornal "Novidades".

— 75 —

BLUMENAU

E A SUA IMPRENSA

XXXII

“A ORTIGA”

Com êste título, erradamente grafado, apareceu no Carnaval de 1924, um jornalzinho crítico, em idioma português. Com quatro páginas apenas, bem impresso, no formato de 22,5 x 32 cm., não passou a sua publicação dêsse único número.

Como os demais jornais carnavalescos que já registramos e comentamos neste trabalho, “A Ortiga” traz apenas críticas a pessoas da sociedade local, moços e moças, quase tôdas redigidas com pouca graça e nenhum senso de humor, como conviria a publicações dessa natureza. Os seus redatores, que no cabeçalho do jornal aparecem como sendo “Eu, tu e êle...”, demonstram pouco jeito para êsse genero de literatura, muita ingenuidade e pouco conhecimento da arte de escrever também. Obra da alegre rapaziada daquele tempo, idealista e entusiasta, como a de hoje,

O Arquivo Histórico possui um exemplar dêsse jornalzinho.

XXXIII

“A CIDADE”

A 21 de setembro de 1924, aparceu o primeiro número de um nôvo periódico blumenauense em língua potuguêsa, de pequeno formato, mas que teve vida duradoura e foi, sem dúvida, dos mais prestigiosos jornais do Estado.

Foi fundado por iniciativa de J. Ferreira da Silva que, juntamente com o escritor João Octaviano Ramos, o dirigiu por vários anos.

Para a sua impressão, usou-se o material tipográfico que pertencera a “O Nacional” e ao “Brazil”. Êsse material, encontrava-se abandonado, empastelado, no sótão do prédio que servira de oficinas àqueles periódicos e escritório de advocacia aos drs. Alfredo da Luz e Freitas Melro, em frente ao atual Teatro “Carlos Gomes”, na rua 15 de Novembro.

Com autorização do então juiz de direito da Comarca, Dr. Amadeu Felipe da Luz, irmão de Alfredo da Luz, que já então se encontrava bastante adoentado, Octaviano Ramos e Ferreira da Silva tomaram êsse material tipográfico, transferindo-o para o porão de um prédio que existiu ao lado da antiga sede da Agência Postal-Telegráfica, na Alamêda Rio Branco. Aí montaram a oficina para impressão do jornal que haviam idealizado. Contrataram os serviços de Benjamin Margarida, para a parte de composição e impressão, visto que o mesmo servira como tipógrafo nas oficinas do “Brazil”.

O primeiro número, para poder aparecer, passou por verdadeiras aventuras. O tipógrafo era bisonho na arte. Levava horas para compôr umas poucas linhas; o material todo estava empastelado, numa confusão dos diabos; os dois redatores pouca prática tinham de tipografia. Assim, por mais de uma semana trabalharam duramente, muitas vêzes até tarde da noite, para, muito mal, aprontarem o jornal para o dia aprazado, domingo da primavera. Meio borrado, cheio de erros de composição, com um grande anúncio para encher a última página, afinal foi distribuído o primeiro número. Era do mesmo formato do "Brazil", 27 x 36 cm.

Na primeira página, cercado de vinhetas, vinha um belo soneto de Octaviano Raimos, intitulado "Fatal Sorriso". Era assim:

Como aranha que estende a leve teia
Com cautela e artificios inauditos
E logo nela, insidiosa, enleia
Os vis insetos, pávidos e aflitos

O teu sorriso, pérfida sereia
Armas aos sonhadores imperitos
Para interná-los em subtil cadeia
De promessas e encantos infinitos.

Quando afinal os tens no rude acume
Do sofrimento, loucos de ciúme
De insatisfeito amor, nessa hora, então

Ris das ânsias que os vão tantalizando
Como rirá Satã decerto quando
As almas leva à eterna danação.

Certamente êsse não era dos mais perfeitos sonetos do inesquecível poeta. Serviu, entretanto, para iniciar uma praxe que perdurou por alguns anos: semanalmente, em cada número de "A Cidade", na primeira página, em cercadura de vinhetas, vinha um soneto, ou outro gênero de versos, de Octaviano. Pôde, assim, aquele magnífico cultor das letras catarinenses dar publicidade à sua grande produção poética, sem dúvida uma das mais variadas e belas de tôda a literatura barriga-verde e que deveria já estar reunida em volume especial.

"A Cidade", mesmo no pequeno formato em que permaneceu até o número 10 do II ano, foi um jornal que se impôs pela sua seriedade, pelo bom senso e equilíbrio de seus editoriais, vazados em bom português, e pela orientação imparcial e serena que sempre seguiu.

Pelos fins de 1925, quando já haviam sido adquiridos novos tipos e outro material tipográfico que deram ao jornal um melhor aspecto material, surgiu o desejo de aumentar também o seu formato. Para isso havia necessidade da compra de uma nova impressora. E o capital para isso? Frei Daniel Hostin, então vigário de Blumenau e depois bispo de Lajes, com a sua habitual solicitude, com o seu interêsse por tudo quanto representasse progresso para Blumenau, para a cultura blumenauense, resolveu o problema, sugerindo a criação de uma sociedade por ações, que reunisse os fundos necessários à compra de uma nova máquina e o melhoramento das instalações.

E o estimado vigário não se contentou apenas com a sugestão. Êle mesmo pôs-se em campo procurando os amigos de maiores posses, entre os quais colocou as ações necessárias à reunião do indispensável capital.

Assim, com o número 11 do segundo ano, a 2 de dezembro de 1925, "A Cidade" apareceu em novo formato (38 x 65) em edição comemorativa do centenário de nascimento do imperador D. Pedro II. Vários artigos relembavam a efeméride, assinados por Orestes Guimarães, Edgard Autran Dourado, Gomes Winter, Francisco Margarida e outros intelectuais de renome, aqui residentes.

Em seu novo formato, bem impresso e bem redigido, "A Cidade" continuou a sua publicação sob a direção de Octaviano Ramos e Ferreira da Silva até agosto de 1930 quando êsses dois jornalistas transferiram a propriedade do jornal a um consórcio a cuja frente se encontrava o capitalista e político Conrado Balsini. A redação do semanário passou para a responsabilidade do advogado provisionado, sr. Max Mayr que também redatoriava o semanário de língua alemã, "Die Volkszeitung", aparecido naqueles mesmos mês e ano.

Em começos do ano seguinte, tendo o sr. Conrado Balsini como seu proprietário, o jornal mudou de redator. O sr. Aquiles Balsini, advogado e filho daquele capitalista, passou a ser o responsável pela parte redatorial, participando desta e da direção também o futuro médico Afonso Balsini.

Em outubro de 1932, entrou para a direção do jornal, então já bissemanário, o jornalista e escritor Tito Carvalho que, juntamente com outro experimentado lidador da imprensa, Hermínio Menezes Filho, deu nova feição a "A Cidade". Menezes figurava como redator-gerente.

Em março do ano seguinte, Tito Carvalho deixou a redação da "A Cidade", retirando-se para a capital do Estado, onde dirigiria outro órgão de imprensa. Menezes Filho continuou na gerência por mais um mês, tendo também se transferido para Florianópolis.

Na direção do jornal continuou Aquiles Balsini, entrando como seu redator responsável o sr. Jayme de Arruda Ramos, até julho de 1933.

Nesse meio tempo, o sr. Ferreira da Silva fundara o "Correio de Blumenau", juntamente com Geysa Boscoli. Surgindo dificuldades para a continuação da publicação dêsse jornal, a "A Cidade" e "Correio de Blumenau" resolveram fundir-se num só denominado "Cidade de Blumenau" que continuaria a numeração do primeiro daqueles periódicos.

Dessa forma, com o número 77, de 2 de agosto de 1933 (Ano IX), a "Cidade de Blumenau" publicava: "Estabelecendo a fusão de "A Cidade" e do "Correio de Blumenau", as administrações dêstes transportam para a "Cidade de Blumenau" a responsabilidade de todos os compromissos, sejam os de ordem comercial, política ou social, dos bissemanários que se fundem".

"Não será interrompida a numeração da "A Cidade" e a administração dêste jornal entrará em combinação com os seus anunciantes para a regularização das contas referentes àquele e ao "Correio de Blumenau", de forma a não haver prejuízo a quem quer que seja".

"Dispondo, agora, de novos elementos e novas forças procuraremos fazer da "Cidade de Blumenau" um jornal digno do município em que pro-

jeta a sua publicidade, não só pela sua feição material como também pelo critério, pela honestidade e pelo despreendimento por que nos orientaremos sempre”.

Entre 5 e 19 de setembro de 1934, “Cidade de Blumenau” apareceu em formato menor (33 x 47 cm) voltando depois ao formato anterior.

Com o número de 10 de agosto de 1935, Aquiles Balsini deixa a direção do jornal por ter que seguir para a capital do Estado, onde dirigiria a folha “Informação Comercial”, como seu redator. Assumiu a direção da “Cidade de Blumenau” o seu irmão Afonso Balsini, que se conservou nesse posto até janeiro de 1936 quando, tendo que seguir para Curitiba a fim de prosseguir seus estudos de medicina, passou o cargo de diretor novamente a Aquiles Balsini que voltava do Rio de Janeiro bacharelado em Direito. Nessa oportunidade, Rodolfo Radke assumia as funções de gerente do jornal.

A 1.º de novembro de 1938, com formato menor (33 x 47 cm) “Cidade de Blumenau” ensaia a publicação diária que não conseguiu manter senão até o número de 4 de janeiro seguinte, quando voltou à condição de bissemanário, publicando a seguinte nota: “Impelida por circunstâncias imperiosas vê-se esta folha na necessidade de interromper sua circulação diária - que vinha fazendo há dois meses - para retornar à sua antiga situação de jornal bissemanário, com edições às quartas-feiras e aos sábados”.

Volta também ao antigo formato.

Em fins de 1940, continuando Aquiles Balsini na direção, assume a redação o jornalista Mário Rey Gil, deixando Rodolfo Radke a gerência.

Em maio desse mesmo ano, alegando excesso de trabalho, o professor Mário Rey Gil, deixa o cargo, passando o Dr. Aquiles Balsini para único diretor responsável pela folha.

Nova tentativa de transformar “Cidade de Blumenau” em diário é feita em 5 de outubro de 1943, com o número 5 do XX Ano. A direção responsável continua a mesma. O formato foi um tanto diminuído até janeiro do ano seguinte, quando volta ao tamanho normal. Essa segunda tentativa foi bem mais feliz do que a primeira. “Cidade de Blumenau” conservou-se como diário matutino, embora com frequentes irregularidades no seu aparecimento, durante onze anos, ou seja, até março de 1954. Daí em diante passa a aparecer três vezes por semana: aos domingos, quartas e sextas-feiras. Entram, sucessivamente, para a gerência do jornal, os srs. João Gomes e Antônio Marlos. Este último deixa de aparecer no cabeçalho do jornal, como gerente, em julho de 1956.

Depois de ligeira paralização, em consequência de prejuízos causados pela enchente de agosto de 1957, “Cidade de Blumenau” entra em nova fase, em bases mais comerciais e, a partir do número 138, do XXXIV ano, de 1.º de dezembro é admitido como gerente e diretor de redação, o sr. Israel J. Costa que dinamiza os vários setores econômicos e redacionais, melhorando o aspecto gráfico e a parte noticiosa do jornal. Aparecia, entretanto, aos domingos, e posteriormente às quintas-feiras e domingos com maior número de páginas e muitas ilustrações e com a parte comercial muito desenvolvida.

Em setembro de 1961, Israel J. Costa deixa a direção da "Cidade de Blumenau" tendo êste, na edição do dia 24, publicado a seguinte nota: "Esta folha, desde o início do mês corrente, está sendo editada sob a supervisão do sr. dr. Afonso Balsini, seu diretor-proprietário. Como auxiliares de redação e de gerência, estão cooperando os senhores Reinaldo Ferreira e Reinaldo Vieira, respectivamente. A ninguém mais, provisoriamente, assiste o direito de representar êste tradicional órgão da imprensa blumenauense".

O nome de Aquilles Balsini, entretanto, continua a figurar no cabeçalho como Diretor-responsável. Nos últimos meses de 1962, Reinaldo Ferreira figura alí como Redator-chefe.

É preciso que se diga que, embora o nome de Aquilles Balsini apareça, desde 1930, como diretor do jornal, êste teve, também, a atuação destacada e eficiente do médico Dr. Alfonso Balsini, irmão daquele que, por várias vezes teve sobre seus ombros a responsabilidade da administração e da redação do jornal.

Embora também seus nomes não tenham figurado entre os redatores da folha, "Cidade de Blumenau" contou, em várias ocasiões, com a colaboração de destacados jornalistas como Frederico Carlos Allende, Maurício Xavier e outros.

Em dezembro de 1962, "Cidade de Blumenau" cessou a sua publicação.

Foi êsse, sem dúvida, um jornal que prestou assinalados serviços a Blumenau. Durante os 38 anos de sua existência, teve, sem dúvida, altos e baixos mas, jamais, mesmo nos momentos mais difíceis, teve atitudes que o degradassem aos olhos dos blumenauenses. Sustentou campanhas notáveis, como a que ficou registrada na história municipal como o Movimento pró "Blumenau Unido", em 1934, quando, por motivos políticos, deu-se começo à divisão do território blumenauense em dezenas de outras parcelas administrativas autônomas. Nessa oportunidade, seu diretor, Aquilles Balsini sofreu perseguições e até mesmo prisão pelo desassombro de suas atitudes. Na campanha de nacionalização, levada a efeito durante a ditadura Vargas, também a atitude assumida pela "Cidade de Blumenau" foi das mais dignas e coerentes, sempre em defesa da população do Vale do Itajaí, principal visada nessa campanha.

Assim, seu desaparecimento foi realmente lamentável. Representou um profundo golpe na vida cultural blumenauense. Deixou, entretanto, uma tradição de dignidade e de lisura que muito honra os jornalistas que fundaram o brilhantes periódico e os que, arrostando tôda sorte de dificuldades e de percalços, conseguiram fazê-lo atravessar os mais difíceis anos por que tem passado a vida política do município.

O nome, entretanto, não morreu. "Cidade de Blumenau" sob outras formas diferentes e outras direções reapareceu, como veremos, poucos anos depois e ainda permanece, destacado no setor da imprensa de Santa Catarina, como um dos mais bem feitos órgãos da imprensa da nossa terra.

Emprêsa Industrial

Garcia S.A.

B L U M E N A U — ESTADO DE SANTA CATARINA

Escritório e Fábrica : - Rua Amazonas, 4.906 - Garcia

Enderêço Telegráfico: «GARCIA» - Caixa Postal, 22

Fiação e Tecelagem de Algodão

FIOS DE ALGODÃO DE SUPERIOR QUALIDADE

TOALHAS FELPUDAS DE ROSTO DE BANHO

TOALHAS DE MESA — PANOS DE COPA

LENÇOS — ROUPÕES, ETC. — ATOALHADOS

CRETONES E OUTROS TECIDOS



Centrais Elétricas de
Santa Catarina S.A.

SETOR BLUMENAU - Cx. Postal, 27 - Al. Duque de Caxias, 63 - End Tel.: «SETORCELESC» - STA. CATARINA